



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO – CEDUC II
DEPARTAMENTO DE LETRAS E ARTES – DLA
LETRAS – HABILITAÇÃO LÍNGUA PORTUGUESA**

FRANCIELLE SUENIA DA SILVA

**RECONHECIMENTO, IDENTIFICAÇÃO E VALORIZAÇÃO:
Questões da afrodescendência em sala de aula**

Campina Grande – PB
Novembro/2012

FRANCIELLE SUENIA DA SILVA

**RECONHECIMENTO, IDENTIFICAÇÃO E VALORIZAÇÃO:
Questões da afrodescendência em sala de aula**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado como requisito para a finalização do curso de licenciatura em Letras na Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), sob a orientação da professora Ms. Magliana Rodrigues da Silva.

Campina Grande
Novembro/2012

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL – UEPB

S586r

Silva, Francielle Suenia da.

Reconhecimento, identificação e valorização
[manuscrito]: questões da afrodescendência em sala
de aula / Francielle Suenia da Silva. – 2012.

44 f.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação
em Letras) – Universidade Estadual da Paraíba,
Centro de Educação, 2012.

“Orientação: Profª. Ma. Magliana Rodrigues da
Silva, Departamento de Letras”.

1. Língua Portuguesa 2. Ensino 3. Literatura
4. Cultura Afro-Brasileira I. Título.

21. ed. CDD 407.1

FRANCIELLE SUENIA DA SILVA

**RECONHECIMENTO, IDENTIFICAÇÃO E VALORIZAÇÃO:
Questões da afrodescendência em sala de aula**

Aprovado em: 30 de novembro de 2012.

Magliana Rodrigues da Silva

Nota: 10,0

Prof^a Ms. Magliana Rodrigues da Silva – UEPB
(Orientadora)

Andreia Bezerra de Lima

Nota: 10,0

Prof^a Ms. Andreia Bezerra de Lima - UEPB
(1^a Examinadora)

Roberta Soares Paiva

Nota: 10,0

Prof^a Ms. Roberta Soares Paiva - UEPB
(2^o Examinadora)

Média: 10,0

AGRADECIMENTOS

Seria ingratidão de minha parte, não agradecer a pessoas que tanto contribuíram para a realização deste sonho palpável. Primeiramente, agradeço a Deus por ter me dado a graça de estar viva e a competência de realizar este Trabalho de Conclusão de Curso de Letras. Meu Deus e meu tudo! E, como falar de vida sem citar os responsáveis pelo meu surgimento: painho (Marcos) e mainha (Adriana), obrigada por tudo! Vocês são criaturas celestiais; anjos que Deus me enviou.

Aos meus irmãos: Maiara, Álisson e André, também quero agradecer pelos momentos que passamos, juntos ou não, mas que contribuíram para o nosso crescimento. Agradeço imensamente aos meus avós paternos e maternos, que me mostraram, e mostram, que a vida é feita por lutas e conquistas. À minha tia Josita e à minha prima Aluska, muito obrigada pelos momentos de apoio.

Construí uma família na UEPB, e ela não é menos importante que a anterior. Amiga-irmã, companheira de curso e de causa, Wanessa Denyelle, obrigada por ser você, por não ser egoísta e dividir comigo os bons e maus momentos, sua casa e as pessoas que você tanto ama e que aprendi a amar ao longo desses cinco anos de amizade! Júnior e Paula, vocês chegaram por último, mas, mesmo assim, são especiais e queridos por mim. Amo muito vocês três!

Não posso deixar passar a importância que dona Gorette, Clarissa e Joelmir tiveram tanto para minha vida quanto para a conclusão dos inúmeros trabalhos que fiz durante o curso de Letras. Michele e Herbert, eu sou grata a vocês pela força e companheirismo nos momentos cruciais. Obrigada! E mesmo quem chegou por último merece meus agradecimentos: Manoel, obrigada por ter aparecido na minha vida nestes últimos instantes e ter me tranquilizado e ajudado em tantos momentos.

Agradeço, neste momento, a minha ex-supervisora e amiga, Professora Wilma Luna, por ter acreditado, desde o primeiro instante, que o projeto Literatura e Afrodescendência poderia dar certo. Professora Magliana Rodrigues, obrigada por me orientar neste trabalho e, também, no PIBID; suas orientações me ajudaram bastante neste processo.

Por fim, agradeço a todos que direta e indiretamente contribuíram para a realização deste trabalho, que pretende contribuir para um ensino democrático, participativo e acessível a todos.

A Adriana, Marcos, Maiara, Álisson, Wanessa e aos professores e alunos do projeto: Literatura e Afrodescendência, dedico este trabalho.

“[...]”

O negro de fogo
- sempre chamado de sujo -
para ter bem-estar físico
impôs ao mundo uma higiene mental.

E assim – queimadas a gaiola, a grade
purificado o ar e limpo o céu -
entou com voz azul
seu canto de liberdade.”

Trecho do poema O Negro de Fogo, de Oliveira
Silveira.

RESUMO

A inserção da temática afro-brasileira no currículo escolar promove uma reflexão sobre as práticas de ensino. O aluno, principalmente o que está inserido na última fase do ensino básico, tem o direito de conhecer várias formas de pensamento e culturas, para que possa desenvolver seu senso crítico e, dentro dos padrões sociais vigentes, exercer sua cidadania. Neste trabalho, daremos ênfase ao ensino de língua portuguesa voltado às práticas sociais como base para o desenvolvimento crítico e da cidadania dos alunos do ensino médio. Para isto, pretendemos analisar atividades de literatura dos alunos do projeto Literatura e Afrodescendência: o que há por trás disso?, que foi financiado pelo PIBID-UEPB, na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Assis Chateaubriand. Nosso objetivo principal neste trabalho é mostrar a relevância da inserção da cultura afro-brasileira no ensino de língua portuguesa e suas implicações na construção do senso crítico dos alunos. Temos como aporte teórico, a prática pedagógica voltada à temática afro-brasileira apresentada por Amâncio, Gomes e Santos Jorge (2008); o ensino de literatura nas escolas proposto por Cosson (2006); bem como a questão que envolve a negritude com Munanga (2009); além dos documentos oficiais da educação: a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (1996), os Parâmetros Curriculares Nacionais (2000), as Orientações Curriculares para o Ensino Médio (2008) e os Referenciais Curriculares para o Ensino Médio da Paraíba (2006).

Palavras-chave: Afrodescendência. Ensino. Literatura.

ABSTRACT

The insertion of African Brazilian's thematic on the school curriculum promotes a reflection about the practices of teaching. The student, mainly who that is insert in the last phase of basic school, has the direct of know various ways of thinking and cultures, for to develop his/her critical sense and, according to the current social pattern, to exercise his/her citizenship. In this work, we will emphasize the teaching of Portuguese language focused on the social practices as basis to high students' critical and citizenship development. In order to do this, we intend to analyze literature activities of students of the Project "Literatura e Afrodescendência: o que há pr trás disso?", which was financed by the PIBID-UEPB, on the Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Assis Chateaubriand. Our main objective in this work is show the relevance of the insertion of the African Brazilian culture in the teaching of Portuguese language and its implications on the building of students' critical sense. As theoretical support we have the pedagogical practice focused on the African Brazilian thematic presented by Cosson (2006); as well as the question that involves black people, with Munanga (2009); besides the official documents about education: 'Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional' (1996), 'Parâmetros Curriculares Nacionais' (2000), 'Orientações Curriculares para o Ensino médio' (2008) and 'Referenciais Curriculares para o Ensino Médio da Paraíba' (2006)

Key-words: African descendant. Teaching. Literature.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 Respostas sobre o conto Menina Bonita do Laço de Fita.....	25
Tabela 2 Respostas sobre o conto Menina Bonita do Laço de Fita.....	26
Tabela 3 Respostas sobre o conto Menina Bonita do Laço de Fita	26

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 Desfecho para o conto Solar dos Príncipes.....	30
Quadro 2 Desfecho para o conto Solar dos Príncipes.....	31
Quadro 3 Desfecho para o conto Solar dos Príncipes.....	31
Quadro 4 Final alternativo para o conto Boneca	35
Quadro 5 Final alternativo para o conto Boneca	37
Quadro 6 Final alternativo para o conto Boneca	37
Quadro 7 Final alternativo para o conto Boneca	38
Quadro 8 Final alternativo para o conto Boneca	39

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
1 O USO DOS GÊNEROS LITERÁRIOS: RECONHECIMENTO E VALORIZAÇÃO DO AFRODESCENDENTE NA SALA DE AULA	14
1.1 O conto e as práticas educacionais	17
2 EM BUSCA DE UMA IDENTIDADE AFRO-BRASILEIRA: A SALA DE AULA E O PROCESSO DE VALORIZAÇÃO CULTURAL	20
3 ANÁLISE DOS DADOS	22
3.1 Conto	23
3.2 Menina bonita do laço de fita	24
3.3 Solar dos príncipes	28
3.4 Boneca	33
CONSIDERAÇÕES FINAIS	42
REFERÊNCIAS	44
ANEXOS	45
APÊNDICES	51

INTRODUÇÃO

O ensino de Língua Portuguesa no Nível Médio tem como objetivo apresentar aos alunos novas linguagens, textos, perspectivas de leitura mais aprofundadas com o propósito de ampliar o conhecimento de mundo dos educandos, além de estimular um processo de consciência crítica no qual os sujeitos participantes aliam às práticas do cotidiano os conhecimentos adquiridos em sala de aula, de forma que diversos temas e conteúdos sejam abordados por diferentes práticas pedagógicas que os auxiliem nas diversas relações interpessoais e científicas. O aluno, principalmente o que está inserido na última fase do ensino básico, tem o direito de conhecer várias formas de pensamento e culturas, para que possa desenvolver seu senso crítico e, dentro dos padrões sociais vigentes, exercer sua cidadania. É necessário, portanto, abordar no contexto escolar diversas culturas a fim de promover mais eficazmente o crescimento intelectual do indivíduo.

Com base na pluralidade de etnias e de pensamentos, além de visar um crescimento intelectual e crítico dos jovens, as leis educacionais, como a 10.639/03 e a 11.645/08, que completa a anterior, incluem obrigatoriamente no currículo oficial da Rede de Ensino a temática “História e Cultura Afro-brasileira e Indígena”.

Embasado nessas considerações, este trabalho se propõe a responder a seguinte questão: de que forma o ensino de língua portuguesa, voltado às práticas sociais, contribui para o processo de desenvolvimento do senso crítico do aluno e de sua cidadania, a partir da valorização das diferenças étnico-raciais? Para isso, analisamos os resultados das atividades de língua portuguesa pautadas na questão afrodescendente que foram aplicadas em turmas de 1º e 2º anos do Ensino Médio da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Assis Chateaubriand, situada na cidade de Campina Grande - Paraíba.

A crescente valorização dos estudos direcionados à temática afrodescendente, sua visibilidade no meio social e midiático e as leis educacionais que reforçam a importância do estudo da cultura afro-brasileira nas escolas do país fazem com que partamos da premissa de que é a partir da apresentação e discussão desse tema, aliado aos subsídios oferecidos pela linguagem, que os alunos iniciam uma construção de sentido e diferenciação entre as etnias, além de refletirem sobre os aspectos sociais e históricos que os unem aos sujeitos tratados na temática afro.

Desta forma, nosso trabalho tem como objetivo geral mostrar a relevância da inserção da cultura afro-brasileira no ensino de língua portuguesa e suas implicações na

construção do senso crítico dos alunos. E, como objetivos específicos, observar de que forma a temática afro-brasileira se desenvolve nos textos literários e até que ponto as atividades que envolvem esta temática influenciam na produção dos alunos.

Este trabalho surgiu a partir dos trabalhos realizados no projeto *Literatura e Afro descendência: O que há por trás disso?*, financiado pelo Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência – PIBID. O projeto teve como alicerce o ensino de língua portuguesa, através do qual pôde apresentar, discutir e promover uma consciência da realidade social, política e econômica do cidadão afro-brasileiro, que tanto influenciou a nossa identidade cultural, a fim de que o aluno conhecesse a cultura, aprendesse as diversas formas de representação e exercesse a sua cidadania enquanto sujeito estabelecido na sociedade. Com isso, o projeto atendeu a um dos objetivos gerais do ensino de Língua Portuguesa apresentado pelos Referenciais Curriculares para o Ensino Médio da Paraíba (2006, p. 31), no que se refere à “construção da consciência e identidade social, a partir da interação com o outro, com outras formas de pensar”.

Nosso trabalho é pertinente por colocar em evidência a cultura afro-brasileira através do trabalho com gêneros literários, além de apontar para a construção de uma consciência étnico-racial nos alunos do ensino médio. Temos como aporte teórico, a prática pedagógica voltada à temática afro-brasileira apresentada por Amâncio, Gomes e Santos Jorge (2008); o ensino de literatura nas escolas proposto por Cosson (2006); bem como a questão que envolve a negritude com Munanga (2009); além dos documentos oficiais da educação: a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (1996), os Parâmetros Curriculares Nacionais (2000), as Orientações Curriculares para o Ensino Médio (2008) e os Referenciais Curriculares para o Ensino Médio da Paraíba (2006).

Este trabalho é de cunho qualitativo e foi desenvolvido por meio da pesquisa-ação, cuja realização se deteve, num primeiro momento, à revisão bibliográfica, com o objetivo de verificar a abordagem da cultura afrodescendente no ensino de literatura. Em seguida, na aplicação de uma sequência didática, e, num último momento, na análise dos dados.

O público-alvo foram alunos dos 1º e 2º anos do ensino médio da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Assis Chateaubriand, localizada no bairro Santo Antônio, Campina Grande – Paraíba, com faixa etária entre 15 a 22 anos. O método da pesquisa-ação se deu a partir da aplicação e desenvolvimento de uma sequência didática de literatura sobre conto. O projeto foi desenvolvido nos meses de março a junho de 2011 e as aulas eram expositivas e dialogadas.

O trabalho com a literatura deve-se a seu caráter plurissignificativo e de como, no texto literário, diversas manifestações culturais podem dialogar através de diferentes meios, além de abranger diversas camadas da esfera social, tanto em suas representações literárias quanto em seu público leitor. Com isso, a presença do afro-brasileiro nos textos de cunho literário representa neste trabalho a inserção social de uma cultura muitas vezes esquecida pela escola, mas que exerce papel importante na construção de uma identidade nacional.

1. A ABORDAGEM DOS GÊNEROS LITERÁRIOS: RECONHECIMENTO E VALORIZAÇÃO DO AFRODESCENDENTE NA SALA DE AULA

A literatura, subdividida em suas várias formas de representação e recriação da realidade, é um importante subsídio para o professor em suas aulas, pois compreende questões de ordem social, intelectual, ideológica e linguística de várias épocas e culturas, além de suas modalidades discursivas que se diferem de um gênero literário a outro. Para que o aluno tenha um contato efetivo com a literatura e possa se despertar para leitura literária é preciso que a escola não substitua o ensino da literatura pelo ensino dos marcos históricos, como infelizmente vem acontecendo. Os textos literários devem ocupar lugar de destaque nas aulas de literatura por serem capazes de suscitar criticidade e reflexão social a partir da palavra. Tanto a leitura do texto literário quanto a prática da interpretação é um ato coletivo. Isso ocorre pelo fato de o aluno aplicar ao texto as outras vozes que o rodeiam em seu contexto social, o que ajuda a “analisar, interpretar e aplicar os recursos expressivos das linguagens, relacionando textos com seus contextos, mediante a natureza, função, organização, estrutura das manifestações, de acordo com as condições de produção/recepção” (PCN, 2000, p. 14).

O método de seleção de textos usado pelos professores é fundamental para que o aluno se sinta estimulado a ler textos literários na escola, e também fora dela. Tal seleção tem por critério inicial o conhecimento prévio do professor sobre o texto literário, sua leitura e interpretação, para que possa oferecer condições de discussão, contribuindo para o conhecimento dos seus alunos. Cosson (2006) sugere a seleção de textos literários a partir da junção de três critérios: a presença do cânone como forma de legado cultural de uma sociedade; a atualidade dos textos, pois mesmo que o texto tenha sido escrito há uma grande distância de tempo em relação ao aluno, ele pode possuir significado para o leitor em sua época; e a diversidade dos gêneros e textos, partindo do que é conhecido para o desconhecido, da leitura simples para a mais complexa, a fim de que o aluno amplie seus conhecimentos de leitura e aplique tais conhecimentos em seu meio social. Com uma boa seleção de textos feita pelo professor e com aulas dinâmicas de leitura dos textos literários, o aluno chegará a conclusão de que

O ato de ler é, portanto, duplamente gratificante. No contato com o conhecido, fornece a facilidade da acomodação, a possibilidade de o sujeito encontrar-se no texto. Na experiência com o desconhecido, surge a descoberta de modelos alternativos de ser e de viver. A tensão entre esses dois polos patrocina a forma mais agradável e efetiva de leitura (AGUIAR E BORDINE, 1988, p. 26).

A escola, a partir de práticas como a apresentada anteriormente, faz com que seu aluno tenha subsídios para fazer uma leitura crítica e consciente dos textos literários, e não mais uma leitura superficial desses textos, relacionando-os estritamente ao período histórico ou às características das escolas literárias.

Dessa forma, a abordagem do texto literário contribui para que os leitores, no caso, os alunos, reflitam sobre os textos e sobre sua realidade, adequando a situação lida ao seu contexto, o que proporcionará uma experiência literária capaz de ampliar suas perspectivas de leitura e de mundo, encontrando nos textos a sensibilidade existente na literatura capaz de aproximar os conhecimentos (OCEM, 2008).

O trabalho com os diversos gêneros literários na sala de aula é um desafio para o professor por requerer metodologias diversificadas de abordagem. Os Referenciais Curriculares para o Ensino Médio da Paraíba (2006) propõem metodologias para o trabalho com o gênero lírico: a leitura de poemas de escritores modernos a partir de antologias poéticas ou temáticas, nas quais se busquem diferentes formas de leitura de um poema, suscitando discussões e aprendizagens teóricas e históricas que ajudem a compreender a época no qual o poema foi escrito. Para se trabalhar os gêneros narrativos, em especial com o conto, os Referenciais propõem o trabalho a partir de antologias temáticas para que o aluno compreenda, através das situações encontradas nos textos, a funcionalidade dos elementos deste tipo de narrativa. Além disso, é importante saber como processo de fragmentação como recurso nas aulas com textos narrativos pode auxiliar os professores (no ensino de literatura), e os alunos (na leitura e compreensão dos textos). Pautado numa estratégia de fragmentação que promova aos alunos/leitores subsídios que os façam construir os significados do texto, o professor pode utilizar-se desse recurso “com o objetivo de não superficializar a leitura do texto, e, ao mesmo tempo, responder às exigências de tempo e espaço que a realidade da sala de aula impõe ao professor” (DE PIETRI, 2007, p. 73).

A partir do fragmento que foi selecionado do texto narrativo, seja ele conto, romance ou novela, são elaboradas questões que auxiliem tanto na compreensão quanto na abordagem do gênero literário, além de explorar os conhecimentos prévios de cada aluno. Uma das formas de se trabalhar com esse método é a elaboração de hipóteses. Ao exibir aos alunos apenas uma parte do texto, o professor pode fazer-lhes perguntas, como, por exemplo, de que forma essa informação ajudou a descobrir/antecipar o desenvolvimento do texto. Além disso, podem-se criar hipóteses sobre a continuação do texto: a partir do clímax, pode-se perguntar como seria o fim daquele capítulo ou trecho; outra forma seria levantar hipóteses

sobre quais seriam as próximas ações dos personagens e como o narrador pode continuar a história. O trabalho com a fragmentação a partir de hipóteses pode remeter a aspectos extratextuais, como questões históricas, sociais, políticas e ideológicas, que, ao serem levantadas, ajudam o aluno na compreensão do texto de caráter narrativo. O objetivo do professor ao escolher os textos para o ensino de literatura com base na estratégia de fragmentação e elaboração de hipóteses deve ser o de “ensinar ao leitor em formação como resolver os problemas que o texto apresenta ao leitor em seu trabalho de construção de sentidos” (DE PIETRI, 2007, p. 56).

Através do ensino de literatura, o professor é capaz de iniciar uma desconstrução de estigmas presentes na sociedade a qual os alunos estão ligados. A presença da literatura afro-brasileira nas salas de aula pode promover uma desconstrução dos estereótipos que envolvem os afrodescendentes brasileiros, sendo os professores e os autores dos textos também fundamentais para essa desconstrução. Os escritores por mostrarem que, no papel de vítima ou de coadjuvante na literatura, este sujeito passa a militar de forma direta, escrevendo e atuando na e pela sua história. E os professores, por trazerem para a sala de aula os estudos da afrodescendência, permitindo que “educandos e educadores interajam com a cosmovisão do africano, sua concepção do universo, da vida e da sociedade” (AMÂNCIO, 2008, p.43).

Zilá Bernd (1988, p. 22) defende que seria a partir da postura de uma escrita, na qual estaria evidenciada uma característica própria do negro de “ver e sentir o mundo, e a utilização de uma linguagem marcada, tanto no nível do vocabulário quanto no dos símbolos, pelo empenho em resgatar uma memória negra”, que se pode caracterizar uma literatura afro-brasileira. Com a mudança de posição do negro nas criações literárias, novos modos de composição formal (no léxico, símbolos e imagens) foram manifestados nesse tipo de literatura. A partir disso, percebemos que uma das marcas de expressão dessa escrita foi a utilização da linguagem por meio de suas variadas formas, fazendo com que, nela, a carga de experiência negra seja, ao mesmo tempo, estabelecida e transformada.

De acordo com Bernd (1988a, p. 23), o poema de autoria afrodescendente tem “sua gênese no desejo de reparar sucessivas perdas como a da memória da ancestralidade africana, da ação heroica nos quilombos, enfim da própria história.” O estudo dos gêneros literários de temática afro-brasileira na escola tem a função de construir nos alunos uma consciência crítica, étnica e reflexiva não só sobre as condições dos afro-brasileiros na literatura como também sobre sua posição em inúmeros cenários sociais, para que haja um reconhecimento de que existe, além de uma história, uma literatura construída por esses afro-brasileiros, bem como uma participação efetiva desses sujeitos na sociedade.

Realizando ações de maneira que se valorize a pluralidade de culturas e saberes, cria-se no ambiente escolar um elo entre propostas voltadas para a melhoria do ensino e a sociedade, implicando uma mudança no cotidiano dos sujeitos envolvidos nesse processo.

1.1 O Conto e as práticas educacionais

O ato de narrar sempre esteve presente no cotidiano das civilizações nos períodos mais antigos, desde as narrativas de feitos heroicos até as de histórias fantásticas. Todas as narrativas, como: contos, novelas, romances, fábulas, possuem características próprias, mas não sem antes possuírem peculiaridades de um texto de caráter narrativo. Todorov (1980) apresenta eixos estruturantes de um texto construído em narrativa. O primeiro é o de sucessão e o segundo é a transformação. Sobre o primeiro eixo, Todorov afirma que, mesmo em textos de caráter descritivo, encontramos a sucessão de fatos, ações, e que, ao produzir, o autor aciona este princípio de sucessão ou consequência dos fatos. Já o princípio da transformação, que é a relação existente entre um fato sucessório e outro, seria o que mostraria as sequências dos fatos. As transformações podem ser de diferentes naturezas, seja da negação, interdição, intenção, suposição e do conhecimento, em que um tipo, mesmo se sobressaindo, não anula a existência das demais transformações.

De todas as formas de textos pertencentes ao gênero narrativo, nos deteremos no conto, que, desde sua origem mais remota e ainda um pouco controversa, passando também de sua forma oral para a forma escrita, sempre chamou a atenção de quem ouve ou lê o fato narrado. São histórias que seduzem pelo fato de flagrar um instante, uma situação que pode ter, ou não, uma aproximação ou afastamento da realidade, seja ela qual for.

Como toda narrativa, o conto necessita de ações que façam com que ocorra mudança na história, uma nova ação que desencadeie outras ações causando determinados estados, sentimentos, conhecimentos. O objetivo de quem escreve/narra o conto para quem lê/ouve é “a conquista do efeito único, ou, impressão total” (GOTLIB, 2006, p. 35) do seu texto. Sendo assim, quanto maiores forem os significados colocados em pequenos gestos realizados pelas personagens, maior será a chance das conquistas de leitores. Daí a importância que os estudiosos do gênero dão ao desfecho do conto, que deve ser o ápice da narração, desde que surta um efeito de totalidade na história. Hoje se sabe que alguns contos

não possuem em seu final esse caráter unificador do texto, pelo contrário, expandem o texto para o leitor a fim de que ele próprio construa/conclua a narrativa.

Mas, o conto, enquanto texto literário pertencente ao gênero narrativo, pode ser utilizado pelo professor em sala de aula de forma que o aluno/leitor apreenda as intenções do texto e, antes disso, atenda às necessidades de leitura desta narrativa? Ao trabalhar o conto na sala de aula, o professor poderia iniciar seu aluno na leitura de uma narrativa literária curta, seja na forma clássica ou moderna, maravilhoso ou não, uma vez que, pela brevidade, em sua maioria, pelo enredo, pelas personagens e por ter um ponto alto independente, no desfecho, ou por todo o conto, desperta mais facilmente o interesse do seu alunado. O conto maravilhoso, por exemplo, que possui caráter atemporal em que o contexto, a situação econômica e a cultura não influenciam no desenvolvimento nem no ato de narrar, pois os acontecimentos não sofrem alterações do meio externo em que se “conta” a história, chama a atenção de quem lê, pois não obedece nem recria uma realidade na qual os acontecimentos atendem às expectativas do leitor, fazendo do conto maravilhoso uma “possibilidade de ser fluido, móvel, de ser entendido por todos, de se renovar nas suas transmissões, sem se desmanchar” (GOTLIB, 2006, p. 18). Desse modo, o professor inicia seus alunos na leitura de um texto que, apesar de não apresentar grande complexidade de compreensão, resgataria, por exemplo, a importância da oralidade para as civilizações mais antigas nas quais ela era o principal meio de permanência da cultura.

A leitura de um conto mais complexo requer do aluno maior maturidade de leitura literária e maior capacidade de reflexão para apreender não só a ideia principal do texto apresentada pelo narrador, mas sobretudo para lidar com as diversas formas de como um conto literário pode ser construído. Dessa forma, o professor coloca o aluno em contato a diversidade com a qual um mesmo gênero literário pode ser escrito, dependendo da época e do autor.

Existem características do conto que o professor pode trabalhar com seus alunos em sala de aula. A linguagem, uma dessas possibilidades, é caracterizada por ser, na maioria das vezes, objetiva, uma vez que o “contista condensa a matéria para apresentar os seus melhores momentos” (GOTLIB, 2006, p. 64). Assim, o professor trabalha a disposição das ações no conto e qual sua relação com a ideia central do texto. Além disso, o trabalho com a linguagem desse texto literário é importante por trazer implícitos e repetições que auxiliam na interpretação da obra, fazendo com que, desse modo, os alunos se tornem leitores atentos que atribuem aos textos os efeitos de sentido possibilitados pela leitura, como sugerem os Referenciais Curriculares para o Ensino Médio da Paraíba (2006).

A partir de um trabalho consciente com a leitura dessas narrativas em sala de aula, o professor atua diretamente na vida social do seu aluno, pois contribui para a expansão da leitura de mundo desse sujeito, ampliando, também, a capacidade de ele interferir e atribuir sentidos aos demais textos que porventura leia.

2. EM BUSCA DE UMA IDENTIDADE AFRO-BRASILEIRA: A SALA DE AULA E O PROCESSO DE VALORIZAÇÃO CULTURAL

A temática afrodescendente se encontra nas mais diversas expressões artísticas e em muitas formas pelas quais o homem apresenta sua realidade. Porém, para que essa temática tenha visibilidade e espaço nas escolas, é necessário que os professores tenham conhecimento sobre a cultura afro-brasileira e saibam uma maneira de como implantá-la nas suas aulas, de modo que o conteúdo e a temática estejam juntamente contribuindo para o crescimento dos alunos. Para isso, os professores ainda precisam pesquisar sobre a cultura afrodescendente, além de coletar o *corpus* a ser trabalhado com os alunos.

É dever da escola promover esse tipo de conhecimento para seu público e incentivar seus professores, tanto com base na lei 10.639, quanto pelas próprias atitudes sociais e históricas enraizadas nessa questão, porque

mais que pensar a reorganização das disciplinas há que se pensar como o cotidiano escolar – em seus tempos, espaços e relações – pode ser visto como um espaço coletivo de aprender e conhecer, respeitar e valorizar as diferenças, o que é fundamental para a construção da identidade dos envolvidos no processo educacional (ORIENTAÇÕES E AÇÕES PARA EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS, 2006, p. 79).

Para que a construção da identidade dos alunos possa estar fundamentada na valorização das diferenças, a escola, por meio de políticas próprias e de projetos pedagógicos, precisa ser a base para o princípio do pensamento de cidadão do estudante.

No estudo da língua portuguesa, a temática afrodescendente pode ser abordada tanto no eixo dos gêneros textuais quanto dos gêneros literários, pois essas duas esferas abrangem inúmeros temas, períodos e contextos históricos, além de serem suportes para um diálogo entre as culturas, trazendo, através das leituras e discussões de textos, sejam eles literários ou não, uma contribuição no tocante à divulgação e valorização da cultura afro-brasileira por fomentar o debate em torno desse tema entre os alunos-cidadãos. Além disso, fornecem materiais que, a partir de um uso reflexivo e orientado, irão propor a desconstrução dos estereótipos acerca do negro no Brasil.

Uma das competências propostas para o ensino da língua portuguesa no ensino médio pelos PCN (2000, p. 24) é a de “considerar a Língua Portuguesa como fonte de legitimação de acordos e condutas sociais e como representação simbólica de experiências humanas manifestas nas formas de sentir, pensar e agir na vida social”. Desse modo, o

professor de língua portuguesa, ao inserir a temática afro-brasileira em suas aulas, contribuirá para o crescimento histórico, intelectual, étnico-racial e social do seu aluno, como também colaborará para uma diminuição do preconceito existente contra os negros, que não é apenas de caráter econômico, mas também de caráter racista.

O ensino de língua portuguesa, aliado ao estudo da temática afro-brasileira, torna-se um instrumento político-ideológico de luta pela causa negra e de reconhecimento da importância e contribuição do povo afrodescendente para nosso país. Isso possibilita que os alunos, ao se conscientizarem de seu papel de agentes multiplicadores e transformadores da parcela da sociedade na qual convivem, insiram esse aprendizado em suas práticas sociais para que haja uma valorização não apenas da cultura afro-brasileira, mas também das demais culturas não privilegiadas pelo espaço escolar, como, por exemplo, a indígena e a dos ciganos.

3. ANÁLISE DOS DADOS

As análises desenvolvidas neste trabalho são das atividades referentes à sequência didática sobre conto, que foi aplicada no Projeto Literatura e Afrodescendência: o que há por trás disso?, financiado pelo PIBID-UEPB. O projeto foi desenvolvido em formato de curso na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Assis Chateaubriand, localizada no bairro Santo Antônio, Campina Grande – PB, com a participação de 17 alunos dos 1º e 2º anos do ensino médio, turno manhã. O curso teve duração de um ano, compreendendo o período de março a dezembro de 2011, e os encontros eram nas terças e quintas-feiras das 14h às 16h. Para nossa análise, delimitaremos algumas atividades realizadas no primeiro semestre do projeto, que compreendeu o período de março a junho.

Nesse semestre, produzimos três módulos. O primeiro módulo produzido foi sobre o gênero textual Propaganda, que tinha como temática “negro e mídia”; no segundo módulo, fizemos o trabalho com a temática “afrodescendência e sua projeção histórica na literatura”, utilizando o texto literário poema; o terceiro e último módulo, sobre o texto literário conto, abordou as temáticas “afrodescendência e herança genética”, “afrodescendência e situação socioeconômica” e “afrodescendência e mercado consumidor”. Trabalhamos mais especificamente com a análise desse último módulo.

A sequência didática sobre conto, foco da nossa análise, foi elaborada a partir de três contos *Menina Bonita do Laço de Fita*, de Ana Maria Machado; *Solar dos Príncipes*, de Marcelino Freire; e *Boneca*, de Cuti.

Nas duas primeiras aulas, o conto *Menina Bonita do Laço de Fita* serviu como base para discussão sobre a temática “Afrodescendência e herança genética”, bem como explanação da estrutura do texto literário. Na primeira aula, realizamos a dinâmica da “herança genética”. Nossa intenção era saber qual a opinião dos alunos sobre a cor da sua pele tendo em vista, também, a dos seus antepassados. Logo após, lemos e discutimos brevemente o texto já mencionado para que, posteriormente, os alunos fizessem um exercício escrito de interpretação do conto. Tal atividade consta como o primeiro texto do *corpus* da nossa análise. Realizamos a discussão sobre a temática “Afrodescendência e situação socioeconômica” a partir da leitura do conto *Solar dos Príncipes*, de Marcelino Freire. No primeiro momento da aula, fizemos a “dinâmica do troca”, com o objetivo de incentivar a criatividade dos alunos ao contar uma história, como também incentivar a agilidade do pensamento. Depois da leitura do conto e discussão sobre o tema, os alunos fizeram uma

atividade escrita de interpretação para, em seguida, realizarem a atividade, posteriormente analisada que trata da modificação do final do texto lido e estudado.

Na última aula do módulo sobre conto, os alunos realizaram uma outra atividade que também é objeto de análise deste trabalho. O exercício consistia na criação de um final para o conto *Boneca*, de Cuti, a partir da leitura e interpretação do texto através do método de elaboração de hipóteses. O tema desta aula foi “Afrodescendência e mercado consumidor”. Para dar embasamento aos alunos na produção desta atividade, nós fizemos a dinâmica da “História de A a Z”, que tinha o objetivo de fazer com que eles criassem uma história seguindo as letras do alfabeto. Em seguida, fizemos a leitura do texto *Boneca* de forma que, em cada parágrafo ou parte “crucial” do conto, nós parávamos a leitura e fazíamos perguntas aos alunos sobre a continuidade da história e quais seriam as ações e reações das personagens. Assim, discutíamos a temática da aula conforme as indagações e informações dadas pelos alunos. Depois disso, paramos a leitura em outra parte importante do texto e pedimos para que os alunos criassem um final para o conto a partir das interpretações e hipóteses levantadas.

3.1 Conto

A sequência didática sobre conto teve como objetivos analisar de que forma o afro-brasileiro estava representado nos textos lidos; proporcionar estratégias de leitura que fizessem com que os alunos conseguissem superar as dificuldades apresentadas pelos contos; e apresentar aos alunos textos literários de autores pouco conhecidos. Os textos foram escolhidos através do eixo temático afrodescendência e envolviam o afro-brasileiro sob diversos aspectos: herança genética, situação socioeconômica e mercado consumidor. Para que houvesse um maior aprofundamento sobre os temas abordados, músicas e textos não-literários, como a entrevista, também eram lidos e discutidos com os alunos durante as aulas. Como motivação e introdução ao assunto, eram realizadas dinâmicas no início das aulas. Para averiguar a aprendizagem dos alunos sobre os conteúdos, eram realizadas atividades em sala de aula que compõem o *corpus* de análise neste trabalho.

Mostraremos, a seguir, uma descrição das aulas que compuseram a sequência didática e, posteriormente, a análise dos exercícios escolhidos para fazerem parte do *corpus*.

3.2 Menina bonita do laço de fita

A sequência didática de conto foi desenvolvida em quatro aulas. Na primeira, trabalhamos o conto *Menina Bonita do Laço de Fita*, de Ana Maria Machado, e abordamos a temática herança genética. O primeiro momento desta aula foi a dinâmica da herança genética, para sabermos qual a descendência de cada aluno e como etnicamente se consideravam, assim como os seus pais e avós paternos e maternos: negros, brancos ou pardos. Em uma folha dobrada em quatro partes, os alunos escreviam, em um lado, a cor dos seus avós paternos, no lado seguinte, a dos avós maternos; depois, a dos seus pais; e, por fim, a sua cor. Posteriormente, cada um dizia para o restante da turma o que tinha escrito na folha, levando a uma breve discussão sobre as respostas que cada um colocou tendo em consideração as origens genéticas.

Após esse momento de motivação, nós lemos e discutimos brevemente o conto *Menina Bonita do Laço de Fita*, explorando as características da personagem principal; o interesse do coelho pela cor da menina; a falta de conhecimento da menina em relação a sua herança genética; e também a questão da árvore genealógica da personagem. Para verificar a aprendizagem dos alunos quanto ao tema, aplicamos um exercício que será analisado posteriormente e que tinha o objetivo de ser a “externalização da leitura, isto é, seu registro” (COSSON, 2006, p. 66). Após a interpretação e discussão do conto, lemos junto com a turma uma entrevista presente na Revista Raça, intitulada “Ser negro é uma questão da cor da pele?”, abordando durante a leitura as questões: ser negro é só uma questão da cor da pele? E quais os fatores que podem induzir o indivíduo a ter uma identificação com a etnia negra: cultura, história, atitude, genealogia, características físicas? De acordo com o que já havia sido discutido na dinâmica, no exercício sobre o conto *Menina Bonita do Laço de Fita* e nas respostas dadas pelos entrevistados, os alunos expuseram suas opiniões acerca do tema.

Analisemos agora as respostas dadas por quatro alunos no exercício sobre o conto mencionado acima. O texto narra a história de uma menina negra e de um coelho branco, que quer, a todo custo, ter a mesma cor da menina. Por isso, ele pergunta à criança o que ela fazia “para ser tão pretinha”. E, como a menina não sabia o motivo, dava respostas ilógicas ao coelho, que seguia as dicas dadas pela garota para tentar ficar ‘preto’, porém não obtinha êxito, até que a mãe da menina contou ao coelho o motivo: “- Artes de uma avó preta que ela tinha...”. Então, a partir dessa dia, o coelho entendeu que o motivo da Menina ser negra era uma questão genética. Partindo da temática da aula, *afrodescendência e herança genética*,

elaboramos três questões sobre o conto com o objetivo de mostrar que ser negro é uma questão de genética, de ancestralidade, e evidenciar a importância de cada um conhecer suas origens e sua cultura.

As perguntas elaboradas e as respostas dos quatro alunos que tiveram os exercícios selecionados para compor esta análise foram as seguintes:

Tabela 1 – Respostas sobre o conto Menina Bonita do Laço de Fita

		1. Por que a menina bonita do laço de fita inventava explicações ao Coelho do porquê de ela ser negra?
Respostas dos alunos	A.M.	Porque ela não sabia porque ela era negra.
	J.K.	Por que ela não sabia que isso é coisa que herdamos de algum parente;
	D.K.	Ela não sabia porquê nasceu negra, por isso inventava suas respostas pro coelho;
	W.N.	Por que a menina não teve um diálogo com sua mãe. A sua mãe não lhe contou como ela nasceu pretinha.

Fonte: Acervo pessoal

Podemos observar que os alunos colocaram como motivo único o fato da Menina não saber por que ela era negra; ou seja, ela não conhecia suas origens porque não lhe foi dito por algum membro de sua família e, por conseguinte, não sabia dizer ao Coelho que ser negra dependia da genética familiar. A partir dessas respostas, fica evidente a importância da família para que qualquer sujeito conheça suas raízes étnicas e culturais, no nosso caso, conhecer e identificar-se como um afrodescendente. Acreditamos que, no momento em que uma pessoa se reconhece como afro-brasileira, passa a pesquisar sobre sua cultura, bem como divulgá-la, mostrando um conhecimento sobre sua história e sua família.

Tabela 2 - Respostas sobre o conto Menina Bonita do Laço de Fita

		2. Por que as tentativas do Coelho em tentar ficar preto fracassavam?
Respostas dos alunos	A.M.	Porque não tem como ficar preto tomando café isso vem de geração;
	J.K.	Por que isso é algo familiar dependendo da cor dos nossos pais ou avós, etc. e ele não podia deixar de ser ele, como mudar de cor;
	D.K.	Porque ele já era branco de nascença, não tinha como ficar preto como a Menina;
	W.N.	Por que não era daquela forma que se fica preto, ele tinha que ter descendentes daquela cor, daí sim ele poderia ter nascido pretinho.

Fonte: Acervo pessoal

Nestas respostas, os alunos ressaltam a questão da genealogia. Para que o Coelho fosse “pretinho” como a Menina, era necessária a presença de uma pessoa negra em sua família como seu antecedente, porque essa seria a única forma de ele ser negro. De acordo com as respostas dos alunos, observamos que, para eles, a única forma de ser negro é nascer com a cor da pele preta, pois isso já é uma forma de saber que há algum afro-brasileiro na família, podendo ser alguém mais próximo, como os pais, mas também, os progenitores. Entretanto, a negritude não se evidencia apenas na cor da pele, mas também em outras formas físicas, como o cabelo crespo, o nariz achatado, os lábios grossos, entre outros, que são características herdadas geneticamente a partir de uma origem afro-brasileira.

Tabela 3 - Respostas sobre o conto Menina Bonita do Laço de Fita

		3. Para você, qual é o grande sentido desse conto?
Respostas dos alunos	A.M.	Que nós temos que saber o porque nós somos dessa cor;
	J.K.	Por que não podemos mudar o que somos;
	D.K.	Mostrar que todo mundo tem sua cor e não pode mudar a cor;
	W.N.	Por que ele não pode mudar suas características da forma que ele quer.

Fonte: Acervo pessoal

Em suas respostas, os discentes disseram que é impossível mudar as características trazidas na genética e, também, que cada um deve saber a origem da cor que tem. Partindo desses comentários, percebemos que eles compreendem que nenhuma pessoa pode mudar a cor da sua pele: nem do branco para o preto, como é o caso do Coelho no conto estudado, nem deixar de ser preto para ser branco. É comum, em nossa sociedade, as pessoas utilizarem procedimentos estéticos que modificam até certo ponto as características que as identificam como sujeitos afro-brasileiros, contudo, essas transformações não são capazes de alterar a genética, nem modificar por completo as características de uma pessoa. Para que ocorra uma diminuição das intervenções estéticas que negam as particularidades de um povo, é necessário um trabalho de conscientização dos sujeitos afrodescendentes.

A partir do exercício dos alunos, notamos que eles compreenderam a temática da aula (*afrodescendente e herança genética*), que foi abordada desde a dinâmica de motivação e culminou com as respostas dadas por eles sobre o conto *Menina Bonita do Laço de Fita*. Para alcançarmos esse resultado, foi necessária a discussão tanto sobre a dinâmica quanto sobre o conto, pois algumas informações eram transmitidas e discutidas, dúvidas eram dirimidas neste momento de interação entre professores e alunos, como também entre os próprios alunos. De acordo com toda a abordagem feita, é fácil chegarmos à conclusão de que cada sujeito deve conhecer sua origem étnico-racial e cultural, pois isso é importante para um processo de reconhecimento, identificação e valorização de sua cultura em nossa sociedade. Para isso, é importante a participação familiar nesse processo de conhecimento, de forma que o sujeito possa compreender melhor as suas origens.

Na segunda aula, apresentamos aos alunos um pouco da estrutura do conto, abordando personagens, tempo, espaço, linguagem e narrador, para que eles observassem como cada um desses elementos tem sua importância dentro do texto. Para fundamentar nossa explanação, lemos mais uma vez o conto *Menina Bonita do Laço de Fita* e, durante a leitura, fomos atentando para a presença e contribuição desses elementos dentro do texto. É importante ressaltar que, durante a aplicação desta sequência didática, nosso foco não era fazer com que os alunos decorassem, ou mesmo aprendessem de imediato as características e/ou os elementos estruturais do texto, mas, sim, fazê-los perceber, através das leituras e discussões, como alguns desses elementos contribuem para o desenvolvimento do conto e interferem na compreensão do leitor. E, no caso dos alunos-leitores, como interferem também na produção das atividades.

O estudo do texto *Menina Bonita do Laço de Fita* foi relevante na medida em que contribuiu para que os alunos percebessem e ressaltassem as diferenças étnico-raciais

existentes entre as personagens do conto. O trabalho com a temática, desde a dinâmica de motivação, fez com que os discentes refletissem sobre seus antepassados e suas condições genéticas, fazendo com que eles ressaltassem e valorizassem as diferenças étnico-raciais, explicando, cada um à sua forma, como essa diferença surge em cada pessoa. Com a análise da atividade realizada, é possível notar que todo aluno é capaz de expor sua opinião quando o professor fornece os subsídios necessários para que isto ocorra, como, por exemplo, um estudo contextualizado que envolva o cotidiano do aluno.

3.3 Solar dos príncipes

Dando continuidade à aplicação da sequência didática sobre conto, abordamos na terceira aula o tema *Afrodescendência e situação socioeconômica*. Como elemento motivador da aula fizemos a “dinâmica do troca”, que tinha o intuito de despertar nos alunos a criatividade ao criar uma história, bem como a agilidade do pensamento. Para a realização deste primeiro momento, dividimos a turma em duplas e pedimos para que cada aluno escrevesse em um pedaço de papel um tema que ele acharia interessante para ser transformado em história. Depois, nós recolhemos os papéis com os temas escolhidos pelos alunos e sorteamos um tema para cada equipe. Em seguida, cada dupla contava uma história à turma a partir do tema, porém, para dificultar a criação, à medida que a conversa ia se desenvolvendo, “gritávamos” a palavra “troca” e o aluno era obrigado a trocar, rapidamente, a última palavra ou frase dita para dar continuidade à história. Durante uma mesma criação, o comando de trocar a palavra ou última frase foi dada diversas vezes.

Após a apresentação de todas as duplas, nós ouvimos e lemos a música “Vítimas da Sociedade”, de Bezerra da Silva, como forma de iniciar a discussão sobre a temática da aula. A música fala sobre os ladrões e suas vítimas, de acordo com o ponto de vista do eu lírico. A partir disso, neste segundo momento, perguntamos aos alunos se eles concordavam ou discordavam da opinião do eu-lírico e o porquê. As inúmeras respostas que obtivemos serviram para a discussão em sala. No terceiro momento da aula, lemos e discutimos o conto de Marcelino Freire, *Solar dos Príncipes*, voltando para as questões sociais e econômicas abordados no texto.

O texto narra a visita de cinco negros moradores de uma favela a um condomínio de classe alta chamado Solar dos Príncipes, com o objetivo de filmar o dia de domingo dos

moradores desse prédio e fazer um documentário. Porém, ao chegarem no local, eles são mal recepcionados pelo porteiro, que resolve chamar a polícia, pois confundiu Caroline, Nicholson, Johnattan e os outros dois negros com bandidos. Apesar desse problema, as personagens não desistem de gravar o filme, mesmo percebendo o medo do porteiro, que se tranca na guarita no momento em que Johnattan pula o portão para filmar, e a aglomeração de pessoas no local que presenciam a cena.

Após a primeira leitura feita silenciosamente por cada aluno e, também, após a leitura em voz alta feita por um deles, nós iniciamos um debate sobre as questões sociais abordadas no conto. Primeiramente, discutimos sobre a intenção do autor ao colocar como título do conto o nome do condomínio e qual a importância dessa escolha para o processo de interpretação. Em seguida, observamos o tipo de linguagem utilizada pelo narrador e, também, perguntamos aos alunos se algumas palavras de baixo calão, contidas no texto literário soavam estranhas para eles e essas palavras atrapalhavam ou facilitavam a leitura e interpretação do conto, tendo em vista a possível intenção do autor. Após esses momentos, observamos as personagens: quem eram; de onde eram; a que classe social elas pertenciam; e quais as possíveis características que aproximavam ou afastavam as personagens principais do conto. A partir das perguntas e do estudo realizado, quisemos saber de cada aluno qual era a leitura que ele fazia do conto *Solar dos Príncipes* e qual a diferença das personagens do texto com as da música *Vitimas da Sociedade*.

O quarto e último momento da aula foi a atividade final: após a leitura e discussão do conto, pedimos para que os alunos modificassem o final do texto *Solar dos Príncipes* a partir do trecho em que o porteiro avisa que vai chamar a polícia. Como qualquer texto não deve ser produzido sem que o aluno conheça o seu interlocutor, pois “só é possível fazer as escolhas acertadas, tomar decisões do que dizer e do como dizer se sabemos com quem partilhamos o que dizemos” (ANTUNES, 2006, p. 175), informamos aos alunos que os textos seriam postados no blog da turma.

Com essa tarefa, nós tínhamos o intuito de fazer com que os discentes criassem uma história com base na dinâmica de motivação, que envolvia criatividade, e nas discussões realizadas acerca do tema da aula e do conto, chamando a atenção para as personagens e para linguagem, de forma que a produção dos alunos fosse coerente com as partes anteriores do texto original. Para compor este trabalho, escolhemos atividade de três alunos para serem analisadas. Nas produções que serão analisadas, encontraremos algumas inadequações ortográficas e de concordância, mas que, nesta análise, não serão levadas em consideração,

pois observaremos a relevância do que foi escrito pelo aluno. Os textos encontrados aqui são transcrições fieis das atividades dos alunos.

Quadro 1 – Desfecho para o conto Solar dos Príncipes.

Desfecho 1: E.T.
<p>E avisou: “vou chamar a polícia”.</p> <p>Os quatro negros e a negra pediu ao porteiro que tivesse cauma, pois nós não queria matar, roubar e sequestrar ninguém pois nós só queremos mostra o dia de almoço de domingo das pessoas da classe alta, mais mesmo assim o porteiro não acreditou e continuo a dizer que iria chamar a polícia e apareceu gente de todo tipo. E a ideia não era essa, mais filmamos tudo para mostrar a todos como é diferente o tratamento das pessoas ricas com as pessoas negra e pobres.</p>

Fonte: Acervo pessoal

Quadro 2 – Desfecho para o conto Solar dos Príncipes.

Desfecho 2: W.N.
<p>-Não, por favor não chame a polícia. Nós não queremos fazer nenhum mal as pessoas que moram aí, só queremos saber o que eles fazem no domingo.</p> <p>O porteiro falou:</p> <p>- Por que vocês não procuram outro condomínio?</p> <p>Caroline: - Por que este é o mais bonito que nós vimos.</p> <p>O porteiro com medo, perguntou a alguns moradores, o que eles achavam da ideia.</p> <p>Os moradores pensavam que nós estavamos ali para fazer algum mal a eles, e não colaboraram com o nosso documentário, por que achavam que nós eramos ladrões.</p>

Fonte: Acervo pessoal

Nos desfechos escritos pelos alunos, podemos notar que eles deram destaque ao ato da filmagem feita pelo grupo, o julgamento feito pelos moradores do prédio, bem como os estereótipos aos quais negros e pobres estão ligados. De acordo com os textos dos alunos, o objetivo das personagens em produzir o filme era provavelmente mostrar aos moradores do Morro do Pavão o dia de domingo das pessoas de classe alta. Porém, o foco da narrativa muda a partir do preconceito do porteiro e dos moradores. Como podemos verificar, o grupo passou a filmar com o intuito de denunciar o tratamento que receberam pelo fato de serem negros e

pobres filmando em um espaço que não lhes pertencia: um condomínio de luxo. Vale ressaltar que, em ambos os desfechos, o porteiro não era rico, mas, por sua função no condomínio ser a de zelar pela segurança dos moradores e também por compartilhar do estereótipo em torno das pessoas moradoras de morros e favelas, ele age precipitada e preconceituosamente.

Os textos dos alunos evidenciam como meio de expor que o preconceito contra negros e pobres existe claramente, e que o primeiro sinal de desrespeito à diferença socioeconômica e étnico-racial é observado no instante em que o preconceituoso se sente desconfortável na presença de uma pessoa pertencente a um desses grupos: *“filmamos tudo para mostrar a todos como é diferente o tratamento das pessoas ricas com as pessoas negra e pobres”*; *“os moradores pensavam que nós estávamos ali para fazer algum mal a eles, e não colaboraram com o nosso documentário, por que achavam que nós éramos ladrões”*. Ou seja, o estereótipo de que pessoas negras e pobres são ladrões persiste atualmente, e que o tratamento recebido por essas pessoas é a desconfiança, ao ponto de a polícia ser acionada para resolver uma situação não existente.

Vejamos, agora, o terceiro desfecho escrito por mais um aluno.

Quadro 3 – Desfecho para o conto Solar dos Príncipes.

Desfecho 3: J.O.
<p>“vou chamar a polícia”.</p> <p>Nesse momento Johnattan se enfurece e diz - há não polícia!</p> <p>Quando é pra vocês irem aonde nós moramos não é essa bacheria toda, abrimos nossas portas como se fossem da família, agora quando é o contrário nós humilham.</p> <p>Numa boa cara!</p> <p>Dá próxima vez vamos até chamar vocês pro churrasco.</p> <p>Tá beleza.</p>

Fonte: Acervo pessoal

A relevância do texto da aluna está no fato de como ela representa a indignação da personagem Johnattan ao saber que a polícia foi chamada e, também, na linguagem que ela utiliza para expressar esse momento. No primeiro momento, o texto mostra que, quando as pessoas da classe alta vão às favelas com o objetivo de conhecer ou mesmo gravar o cotidiano das pessoas que lá residem não há esse tipo de resistência, muito menos desconfiança; pelo contrário, existe uma liberdade familiar por parte dos moradores da favela com relação aos visitantes ricos. E isso é evidenciado através da fala da personagem no momento que diz

“quando é pra vocês irem aonde nós moramos não é essa bacheria toda, abrimos nossas portas como se fossem da família, agora quando é o contrário nós humilham”.

Outro fato relevante é a linguagem utilizada pela aluna ao compor o texto. Ela se apropria da forma discursiva trazida pelo autor Marcelino Freire e faz uso da ironia para que a personagem Johnattan mostre ao porteiro e aos moradores do condomínio que, apesar da incompreensão, ele não mudará seu hábito de acolher bem as pessoas que visitam sua casa: “*Numa boa cara! Dá próxima vez vamos até chamar vocês pro churrasco. Tá beleza*”. A ironia presente no texto critica uma postura preconceituosa e evidencia um tratamento diferenciado por parte de quem sofreu o preconceito. Ao invés de retribuir da mesma forma, a personagem se mostra superior ao ato discriminatório.

Os pontos importantes encontrados nos textos dos alunos são resultados da leitura e discussão do conto *Solar dos Príncipes*, envolvendo, dentre outras, a questão da linguagem utilizada pelo autor Marcelino Freire, assim como o debate sobre o tema *afrodescendência e situação socioeconômica*, também presente na música *Vítimas da Sociedade*. A partir disso, entendemos que é importante trabalhar com o aluno, antes da produção, textos que abordam a temática, pois, como aponta Antunes (2006, p. 174): “a leitura e o debate em torno de textos que tratam do tema sobre que se vai escrever são fundamentais”, pois prepara o educando para a escrita, fazendo com que o sujeito estabeleça estratégias que o ajude a realizar a atividade vindoura.

Essa atividade de escrita com o conto *Solar dos Príncipes* preparou os alunos para a última atividade da sequência de conto, mas, principalmente, conferiu a eles liberdade de criar um outro desfecho para o conto estudado. Os desfechos analisados mostraram que a leitura e a discussão que partem primeiramente dos elementos do texto para, só então, discutir um determinado contexto social contribuem para uma reflexão crítica acerca do tema trabalhado, que teve na escrita sua materialização. Percebemos também que os momentos que antecederam a atividade foram importantes para os resultados que obtivemos: na dinâmica, eles utilizavam a criatividade para transformar uma conversa; com a discussão da música, eles puderam observar as diferenças econômicas sob um determinado ponto de vista; e, com o texto de Marcelino Freire, continuar a utilizar essas habilidades no desenvolvimento dos desfechos criados. A partir disso, os alunos puderam questionar e discutir suas opiniões amplamente para, em seguida, realizarem a atividade, utilizando-se inclusive de elementos do texto literário conto, como pudemos observar no trabalho com a linguagem.

3.4 Boneca

Agora, vamos analisar a atividade da última aula da sequência didática sobre conto. O exercício é referente à temática “Afrodescendente e mercado consumidor”, que teve como base o conto *Boneca*, de Cuti, que está presente no livro *Negros em Contos* (1996). Esta atividade, assim como as anteriores, é importante por a considerarmos uma junção de todo o trabalho desenvolvido ao longo da sequência, pois inclui, além da leitura e interpretação, o próprio processo criativo do texto literário. Ela fez com que os alunos colocassem em prática os conhecimentos adquiridos sobre conto. O exercício consistia na criação do final alternativo do conto citado a partir do processo de elaboração de hipóteses e da leitura fragmentada do texto. Os alunos foram orientados a escrever o desfecho com base nos elementos apresentados no texto literário, como linguagem, personagens e temática envolvidas. Nesta atividade, nosso objetivo não era fazer com que os alunos adivinhassem o final do conto *Boneca*, mas sim “compor, com base nos elementos textuais e na sua vivência, um final com coerência” (COSSON, 2006, p. 71).

Iniciamos esta aula, que foi a quarta e última aula da sequência didática sobre conto, com a dinâmica da “História de A a Z”. Introduzimos uma história com a letra A para que o aluno continuasse, por meio do improviso, com a letra B e assim sucessivamente, até chegar a letra Z, coincidindo com o final da história. A dinâmica foi feita mais uma vez, só que, agora, com as letras embaralhadas e, mediante sorteios, as letras eram mostradas em plaquetas. Após a dinâmica, perguntamos à turma se o que tínhamos acabado de fazer era um conto, já que eles narraram uma história ficcional. Muitos disseram que sim, porém, quando fomos resgatar as outras características como linguagem e coerência (assuntos abordados em aulas anteriores nesta mesma sequência didática), perceberam que o conto é bem mais do que contar uma história.

O segundo momento da aula consistiu em uma atividade feita a partir do conto *Boneca*, de Cuti. Trabalhamos com a fragmentação do texto e elaboração de hipóteses para que cada parte fosse imaginada e criada pelos alunos, o que funcionou bem, pois todos contribuíram com suas opiniões. A cada parágrafo ou parte decisiva do conto, parávamos e perguntávamos o que iria acontecer a partir daquele momento, instigando a curiosidade e a imaginação dos alunos. A partir das perguntas, eles davam continuidade ao conto, e, ao prosseguirmos com a leitura, os discentes observavam e diziam se o que eles haviam pensado era confirmado ou não. A terceira etapa da aula foi a produção da atividade final: paramos a

leitura da história em mais um momento decisivo e próximo do desfecho para que os alunos escrevessem o final do conto de acordo com o que eles haviam lido e interpretado, e, também, de acordo com o que eles gostariam que acontecesse. Após a escrita do final da história pelos alunos, foi dada a oportunidade para que todos lessem a sua produção textual. Finalizamos a aula com a leitura do final do conto dado pelo contista, com a discussão e comparação dos finais produzidos por eles, trazendo também uma reflexão sobre a falta de bonecas negras no mercado: o que motiva essa escassez, bem como as consequências disto para a identificação da criança com a sua etnia.

Para esta análise, fizemos um recorte da atividade produzida. Dos treze finais escritos pelos alunos, iremos analisar cinco a partir dos seguintes critérios: a maneira como a temática “Afrodescendente e mercado consumidor” estava inserida nos textos dos alunos, através das marcas implícitas ou explícitas, e a coerência do desfecho com a primeira parte do conto *Boneca*.

O conto em questão trata da procura de um pai por uma boneca negra. Ele procura este presente para sua filha em várias lojas, mas não encontra. Ao chegar em outro estabelecimento, ele encontra o objeto desejado e decide levá-la, mas não antes de ouvir as propostas de levar para casa bonecas loiras, ruivas e de olhos claros. Vale salientar que a boneca negra não estava em prateleiras, e sim esquecida no depósito. Depois de conseguir comprar a boneca negra, o homem sai pensativo da loja e vai até uma lanchonete, onde pede “loira gelada aí, chefe?” (CUTI, 1996, p. 13) para terminar o dia de exímia procura.

A seguir, mostramos a primeira parte do conto *Boneca*, que foi lido por meio da elaboração de hipóteses. Depois, daremos início à análise dos finais criados pelos alunos para este conto.

Boneca

Nenhuma! Cansou de tanto andar. Perguntara muito. Ouvira respostas de todo tipo. Algumas vezes reagira à escassa delicadeza de certos balconistas e mesmo às ironias finas. Em outros momentos fora levado à autocomiseração, depois de ouvir, por exemplo:

Sinto muito!...

Ou:

Queira nos desculpar... A fábrica não fornece, sabe...

Desanimar? Não. Não havia porquê desistir de encontrar o presente de Natal para a filha. Ele estava em plena forma física de seus 33 anos. Além disso, era como se a pequena conduzisse pelas ruas do centro comercial. Continuar a procura, mesmo pisoteando o cansaço, era uma missão.

Com entusiasmo, entrou na loja seguinte. Cheia! Aguardou pacientemente. Uma mocinha branca, de ar meigo e aspecto subnutrido, indagou?

O senhor já foi atendido?

Não. Por gentileza, estou procurando uma boneca...

Temos várias. Olha aqui a Barby, a Xuxinha... E a loirinha foi apanhando diversas bonecas. Colocava-as sobre o balcão, como se escolhesse para si. Olha que gracinha esta aqui de olhos azuis! É novidade. Chegou ontem e já vendeu quase tudo. Choram, tem chupeta, faz pipi... E essa outra aqui? Não é uma graça? E levou ao colo a ruivinha de tom amarelado, bem clarinha. Mexeu-lhe os bracinhos e as perninhas, e indagou: Não gostou de nenhuma? É que estou procurando uma boneca negra...

Meia hora de espera.

Tem sim! o dono da loja dirigia-se à empregada. Procura melhor, na prateleira de baixo, lá em cima mesmo, perto da pia.

A moça subiu de novo a escada, depois de sorrir um submisso constrangimento.

Desceu mais uma vez, recebeu novas instruções e tornou a sorrir. Em seguida, do alto do mezanino, mostrou o rostinho gorducho, marrom escuro, de uma boneca. Radiante, a balconista empunhava-a como um troféu. Assis desceu a escada. Mas, descuidando-se nos degraus, despencou-se. Todos se apavoraram. As colegas de trabalho foram em socorro.

Nenhuma fratura. Apenas um susto. O patrão exasperou-se, mas logo conseguiu controlar-se, vermelho como pimenta malagueta. A loja estava cheia. Foi atender o cliente:

O senhor desculpe a demora e o transtorno. Mas,...

(CUTI, 1996, p. 12).

Os textos que vamos encontrar nesta análise são transcrições dos finais produzidos pelos alunos. Analisaremos agora o primeiro dos cinco finais escolhidos para compor este recorte:

Quadro 4 – Final alternativo para o conto Boneca.

Final 1: J. K., 2º U
<p>Mas o vendedor falou para o homem: lamento, não podemos vendê-la.</p> <p>O homem perguntou: por quê? O vendedor respondeu:</p> <p>- É que não vendemos produtos incompletos, é que depois de tanto tempo ela jogada e guardada ela está faltando peças, está com o braço quebrado e vamos doar os brinquedos para pessoas carentes.</p> <p>O homem disse: - posso pagar o dobro e o conserto dela.</p> <p>Aí o vendedor disse: porque você quer essa boneca quebrada? Há muitas nas prateleiras e bonitas. O homem respondeu: não, porque essa é muito especial e diferente e quero dar a minha filha.</p> <p>O homem um pouco triste insistia, mas o vendedor dizia que não era possível. Depois de muito tempo, vem uma bela mulher com uma caixa e com a boneca dentro. O homem logo então abriu e sorriu e ficou bastante alegre e foi possível vender a boneca e o homem alegre mandou embrulhar e ele foi para sua casa.</p>

Ao chegar deu o presente para sua filha. Ao abrir, viu que era uma boneca diferente e a menina fez uma cara estranha. O pai pensou que ela não havia gostado e de repente ela abriu um sorriso e disse que foi o melhor presente de sua vida e ela correndo deu um abraço em seu pai.

Fonte: Acervo pessoal

Neste final, percebemos que o aluno inclui a temática “Afrodescendente e mercado consumidor” logo nas primeiras linhas de seu texto: “*o vendedor respondeu: é que não vendemos produto incompleto, é que depois de tanto tempo ela jogada e guardada está faltando peças*”. Nesta parte podemos verificar que o aluno insinua que as bonecas negras não são expostas à venda e que este tipo de boneca não é evidenciada, pois, na maioria das vezes, os compradores não se interessam por esse tipo de produto. Notamos que há um estranhamento do próprio vendedor com a insistência do homem em querer adquirir a boneca, mesmo estando incompleta: “*porque você quer essa boneca quebrada? Há muitas na prateleira e bonitas!*”. Com isso, podemos observar através dessa fala que, para o vendedor, bonecas bonitas são as completas da prateleira, que também são loiras e de olhos claros, reforçando o estereótipo de padrão de beleza europeu. E isso também pode ser notado na criança ao receber o presente: “*ao chegar deu o presente para sua filha. Ao abrir viu que era uma boneca diferente e a menina fez uma cara estranha*”. Mas, diferente do vendedor, a menina não prefere uma boneca valorizada pelo comércio, pelo contrário, ela demonstra sua felicidade ao ganhar uma boneca negra.

Quanto à coerência com a primeira parte do conto que foi lida por meio da elaboração de hipóteses, podemos afirmar que foi satisfatório, pois não fugiu do tema da procura de um pai por uma boneca negra para sua filha, nem do discurso da vendedora e do gerente, que insistiam em oferecer outro modelo de boneca.

Vejamos agora dois finais produzidos por duas alunas:

Quadro 5 – Final alternativo para o conto Boneca.

Final 2: D. B. 1ªA
<p>Me desculpe a demora, mas infelizmente, devido a tanto tempo da boneca ficar guardada no depósito, ela não resistiu à queda e acabou quebrando.</p> <p>Mas para sua alegria, ao chegar em casa, sua esposa havia passado em uma outra loja, depois do trabalho, e encontrou a boneca que sua filhinha tanto queria. E a criança ficou tão contente, como também, os pais e assim viveram felizes, pois viram sua filha feliz com sua linda bonequinha negra.</p>

Fonte: Acervo pessoal

Quadro 6 – Final alternativo para o conto Boneca.

Final 3: J. P. 1ªA
<p>Mas, após o acidente, perceberam que a boneca estava quebrada.</p> <p>- Calma! Não se preocupe. Aqui está outra boneca idêntica à outra; vimos que ainda tinha sobrado esta e está inteirinha.</p> <p>Então o pai da menina foi embora muito feliz por ter conseguido a linda boneca e ao chegar em casa presenteou a sua filha e ela ficou muito feliz, pois seu pai realizou o seu lindo desejo: ter uma boneca negra.</p>

Fonte: Acervo pessoal

Notamos que as alunas retomam coerentemente o objetivo principal do conto que retrata a escassez de bonecas negras no mercado, e, conseqüentemente, a temática da aula. No final 2 D.B, observamos mais claramente que a aluna deixa subentendido o esquecimento da existência da boneca negra, tanto por parte dos vendedores que esqueceram a boneca no depósito da loja por “tanto tempo”, causando a fragilidade das peças, quanto dos consumidores que só procuravam por bonecas clássicas: brancas, loiras, ou seja, europeizadas. No final 3 J.P, percebemos que a existência de bonecas negras na loja só são lembradas pelos vendedores quando os clientes procuram.

Podemos observar também que em ambos os textos as alunas enfatizaram o fato de que o principal desejo da criança era ganhar uma boneca negra. No primeiro texto, temos “[...] sua esposa havia passado em uma outra loja, depois do trabalho, e encontrou a boneca que sua filhinha tanto queria”; e no segundo desfecho temos: “[...]e ao chegar em casa presenteou a sua filha e ela ficou muito feliz, pois seu pai realizou o seu lindo desejo: ter uma

boneca negra”. Os finais deixam implícitos a necessidade de identificação das crianças com sua etnia para que haja o resgate das origens e o aumento da procura por bonecas que fogem do padrão estético conhecido e valorizado pelos comerciantes e pela mídia.

Vamos analisar o quarto dos cinco finais escolhidos para compor o *corpus* deste trabalho:

Quadro 7 – Final alternativo para o conto Boneca.

Final 4: W. N. 1º B
<p>- Mas, lamento lhe informar que a boneca não está em bom estado. Quando minha funcionária se descuidou e despencou da escada, caiu em cima da sua boneca, mas se você quiser levá-la custará a metade do preço.</p> <p>Daí o homem que queria comprar a boneca perguntou:</p> <p>- Posso ver em que estado a boneca está?</p> <p>- Claro que sim, venha que eu lhe mostro.</p> <p>O homem seguiu o moço, viu que a boneca estava apenas com os braços fora do lugar e falou:</p> <p>- Vou levá-la porque minha filha quer muito esta boneca e eu rodei toda a cidade e não consegui achar.</p> <p>O vendedor embrulhou a boneca e entregou ao homem dizendo:</p> <p>- Obrigado e volte e sempre!</p> <p>O homem chegou em casa, viu a sua filha e lhe entregou o presente. A garota desembulhou o presente e viu a sua boneca com os braços separados do corpo. Ela foi até o pai chamando.</p> <p>- Papai, você diz que me ama e traz uma boneca sem braços?</p> <p>O seu pai pegou a boneca, pegou os dois braços e olhou para sua filha e falou:</p> <p>- Filha, vem aqui para perto do papai! Olha filha, esta boneca é especial: ela monta e desmonta.</p> <p>A garota saiu alegre, gritando e pulando feliz com sua nova boneca pretinha que monta e desmonta.</p>

Fonte: Acervo pessoal

A linha de raciocínio deste texto segue a mesma linha apresentada na primeira parte do conto Boneca, principalmente, no que diz respeito a escassez de bonecas negras à venda. Isso fica evidente neste final, como em nenhum outro, na fala do pai ao vendedor “- Vou levá-la porque minha filha quer muito esta boneca e eu rodei toda a cidade e não consegui achar.” O que mais nos interessa neste final é o seguinte trecho: “A garota saiu alegre, gritando e pulando feliz com sua *nova* boneca pretinha que monta e desmonta” (grifo

meu). Com essa frase, o aluno deixa implícito que a garota já possuía uma outra boneca negra. Comparando com os finais já apresentados, este desfecho é o primeiro em que este fato aparece, nos trazendo a informação de que a criança já tinha contato com a cultura afro-brasileira através da representação da boneca. Podemos também confirmar este argumento quando a menina diz “- Papai, você diz que me ama e traz uma boneca sem braços?”. É possível observar que ela não questiona a cor da boneca, mas sim os braços soltos.

O último final do conto *Boneca* que vamos analisar não segue as “regras” dos que analisamos anteriormente. Primeiro, porque há a inserção da personagem que vai ganhar o presente desde a procura pela boneca nas lojas, contrariando a lógica dos fatos encontrados na primeira parte do conto. Segundo, porque quem dá o presente à menina não é seu pai, mas sim o vendedor, que fica emocionado com o que a garota diz ao pai. Vejamos:

Quadro 8 – Final alternativo para o conto Boneca.

Final 5: J. O. 1ºB
<p>... Mas pelo fato do senhor ter nos provocado toda essa bagunça, não vamos poder vender o objeto.</p> <p>Mas senhor eu já andei em muitas outras lojas é um presente muito especial, eu pago o que for, mas me venda essa boneca.</p> <p>O vendedor pergunta: pelo visto é um presente muito mais que especial não é?</p> <p>Ouve um momento de reflexão, e ao olhar para a garota o vendedor percebeu que a menina pegou a mão do pai e disse: papai, o melhor presente de Natal que o senhor me deu foi sua determinação para me fazer feliz, obrigada.</p> <p>O vendedor se emocionou com as belas palavras dita pela menina e falou: querida, esse é o meu presente de Natal para você e deu de presente a boneca a garota, que saiu da loja toda sorridente.</p>

Fonte: Acervo pessoal

Mesmo com essas diferenças, a escolha deste desfecho para compor o *corpus* dá-se pelo fato de que ele não deixa de apresentar a falta de comercialização das bonecas negras, como podemos observar no trecho “Mas senhor, eu já andei em muitas outras lojas”. Este trecho também deixa claro que o pai não andou por outras lojas buscando promoções e descontos, e sim à procura do objeto de desejo de compra, que não encontrou em nenhum outro estabelecimento comercial além daquele: “Mas senhor eu já andei em muitas outras lojas é um presente muito especial, eu pago o que for, mas me venda essa boneca”.

Analisando os finais do conto *Boneca* escritos pelos alunos, observamos que todos apresentaram a temática “Afrodescendente e mercado consumidor”, uns mais explícitos que outros. Quatro dos cinco finais mantiveram o fato de apenas a vendedora, o dono e o pai estarem na loja de brinquedos, ou seja, mantiveram a coerência com a primeira parte que foi lida do conto e com as ações das personagens previstas através do levantamento de hipóteses. Essa estratégia de leitura da primeira parte do conto contribuiu para a elaboração dos finais escritos pelos alunos, uma vez que a interpretação auxiliou no processo de criação das ações dos personagens, inserindo-os no contexto da temática. O processo de leitura e interpretação foi fundamental para a atividade de construção do final do conto, pois algumas informações encontradas nos textos dos alunos são oriundas da discussão que fizemos durante a elaboração das hipóteses sobre o conto *Boneca*. Dentre elas, podemos destacar a posição dos alunos ao reconhecerem a pouca comercialização de bonecas negras, ponto bastante discutido e esclarecido no momento da leitura. Essa estratégia de abordagem do texto literário não só melhorou o nível de leitura dos alunos, como também iniciou um processo de conscientização sobre o afrodescendente e os produtos relacionados ao seu resgate e valorização cultural, como é o caso da boneca negra, produto importante para a identificação do povo negro.

A partir dos resultados obtidos, entendemos que esta atividade atendeu aos objetivos da sequência didática sobre conto, principalmente no que tange a superação das dificuldades que surgiram durante a leitura do texto. Os contos selecionados para a aplicação da sequência didática auxiliaram no estudo da temática afrodescendente no que diz respeito à compreensão dos assuntos discutidos, bem como na atividade de leitura e interpretação dos textos. Desse modo, podemos constatar que o trabalho com narrativas curtas e as estratégias escolhidas para a abordagem dos textos proporcionaram uma atividade de leitura eficaz que teve na escrita sua concretização.

A partir do que foi analisado em cada atividade sobre os contos que compõem a análise dos dados deste trabalho, podemos concluir que o trabalho de leitura, discussão e interpretação de cada texto, desde a primeira aula, foi um processo gradativo no qual as estratégias metodológicas escolhidas foram importantes para que cada atividade alcançasse o objetivo desejado. Na primeira aula, com o conto *Menina Bonita do Laço de Fita*, os alunos realizaram apenas um exercício escrito de interpretação, mas que teve papel fundamental para o restante da aplicação da sequência didática, visto que os preparou para atividades um pouco mais complexas e que exigiriam dos estudantes um mínimo de grau interpretativo. No trabalho com o texto *Solar dos Príncipes*, os alunos tiveram a oportunidade de modificar, trocar e recriar um texto já escrito. Dessa forma, eles precisaram de um mínimo de

conhecimento acerca do tema do conto e das características que compõem este tipo de texto literário, que foram fornecidos, respectivamente, no dia em que a atividade foi realizada, através de uma música que foi trabalhada para introduzir o tema, bem como da discussão do conto, e na segunda aula, conforme a sequência didática. Na quarta e última aula, na qual utilizamos o conto *Boneca*, a capacidade dos alunos em interpretar e discutir o conto foi incentivada através do método da leitura fragmentada do texto e da elaboração de hipóteses a partir dos fragmentos apresentados. Nesta aula, observamos que o nível de interpretação e discussão dos alunos acerca da temática da aula estava maior, se compararmos ao desempenho que tiveram na primeira aula da sequência didática sobre conto. Essa melhora também pode ser observada quanto aos conhecimentos estruturais do texto literário em estudo. Com isso, os finais alternativos para o conto *Boneca* ficaram mais bem elaborados que os para o conto *Solar dos Príncipes*. Isso se deve a um processo no qual professores e alunos estavam engajados em um crescimento de saberes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Um ensino de literatura voltado às diferenças, principalmente, no contexto social em que estamos, é fundamental para um processo de desconstrução de estereótipos e, conseqüentemente, de preconceitos. A elaboração de sequências didáticas a partir de temáticas e textos que proporcionam reflexões e aprendizados sobre literatura e a cultura afro-brasileira, no contexto social em que elas estão inseridas, é um meio pelo qual esse processo pode ser alcançado. Para isso, é necessária uma formação docente que incentive a inserção não apenas da temática afro-brasileira, como cumprimento da lei 11.645/08, mas também das outras culturas existentes em nossa sociedade e que fazem parte da construção de uma identidade nacional.

Os resultados obtidos com este trabalho são provas de que a literatura é capaz de suscitar em jovens alunos do ensino médio um olhar crítico não só para a leitura literária, mas também, em relação às condições socioeconômicas, à cultura e ao espaço ocupado em nossa sociedade pelos cidadãos afro-brasileiros. Por exemplo, a atividade realizada sobre o conto *Menina Bonita do Laço de Fita* fez com que os alunos refletissem sobre as suas origens étnico-raciais e discutissem, a partir do texto literário, como um sujeito pode valorizar a cultura a qual pertence.

Ao modificarem o final do conto *Solar dos Príncipes*, os alunos utilizaram o conhecimento adquirido para mostrar que existe um preconceito velado contra negros e pobres em nossa sociedade e que estes cidadãos são estereotipados e mal tratados em lugares aos quais “não pertencem”, mas que, por conhecerem seus direitos, não se deixam diminuir diante de atos de preconceito. Por fim, a criação de um final alternativo para o conto *Boneca* fez com que os alunos aguçassem sua capacidade interpretativa a partir da elaboração de hipóteses no trabalho de fragmentação, que por sua vez ofereceu subsídios para que os alunos construíssem os sentidos do texto e criassem finais coerentes, não só considerando os elementos textuais, mas também a temática abordada no conto.

O que podemos observar com este trabalho é que a aplicação de uma sequência didática contextualizada, através da qual o professor fornece subsídios aos alunos, desde a seleção dos textos até as propostas de atividades, gera alunos capazes de discutirem diferentes temas sociais e, também, de exporem suas opiniões tanto de forma oral quanto escrita. A partir de suas próprias estratégias de leitura e das ferramentas fornecidas pelo professor, o alunado pode compreender melhor o texto, além de interpretá-lo de acordo com seus

conhecimentos. Dessa forma, o ensino de literatura no nível médio suscita nos alunos uma criticidade que vai além da escola, interferindo nas questões do cotidiano do aluno.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Vera Teixeira & BORDINI, Maria da Glória. **Literatura: a formação do leitor, alternativas metodológicas.** Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988.

ANTUNES, Irandé. Avaliação da produção textual no ensino médio. In: BUNZEN, Clécio; MENDONÇA, Márcia (orgs.). **Português no ensino médio e formação do professor.** São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

AMÂNCIO, Íris Maria da Costa; GOMES, Nilma Lino; SANTOS JORGE, Miriam Lúcia dos. **Literaturas africanas e afro-brasileiras na prática pedagógica.** Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

BERND, Zilá. **Introdução à literatura negra.** São Paulo: Brasiliense, 1988.

_____. **O que é negritude?** São Paulo: Brasiliense, 1988.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Média e Tecnológica. Conhecimentos de Língua Portuguesa. In: **Parâmetros Curriculares Nacionais: ensino médio.** Brasília: Ministério da Educação, 2000.

_____. **Orientações e ações para a educação das relações étnico-raciais.** Brasília, MEC/SECAD, 2006.

_____. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Conhecimentos de língua e literatura. In: **Orientações Curriculares para o Ensino Médio: linguagens, códigos e suas tecnologias.** Brasília: Ministério da Educação, 2008.

COSSON, Rildo. **Letramento literário: teoria e prática.** São Paulo: Contexto, 2006.

CUTI. **Negros em Contos.** Belo Horizonte: Mazza Edições, 1996.

DE PIETRI, Émerson. **Práticas de leitura e elementos para a atuação docente.** Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.

GOTLIB, Nádía Battella. **Teoria do conto.** 11 ed. São Paulo: Ática, 2006.

MUNANGA, Kabengele. **Negritude: usos e sentidos.** Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

PARAÍBA. Secretaria de Estado da Educação e Cultura. Conhecimentos de língua e literatura. **Referenciais Curriculares para o Ensino Médio da Paraíba: Linguagens, Códigos e Tecnologias.** João Pessoa: [s.n], 2006.

TODOROV, Tzvetan. **Os gêneros do discurso.** Tradução de Elisa Angotti Kossovitch. São Paulo: Martins Fontes, 1980.

ANEXOS

Menina Bonita do Laço de Fita

Ana Maria Machado

Era uma vez uma menina linda, linda.

Os olhos pareciam duas azeitonas pretas brilhantes, os cabelos enroladinhos e bem negros.

A pele era escura e lustrosa, que nem o pelo da pantera negra na chuva.

Ainda por cima, a mãe gostava de fazer trancinhas no cabelo dela e enfeitar com laços de fita coloridas. Ela ficava parecendo uma princesa das terras da África, ou uma fada do Reino do Luar.

E, havia um coelho bem branquinho, com olhos vermelhos e focinho nervoso sempre tremelizando. O coelho achava a menina a pessoa mais linda que ele tinha visto na vida.

E pensava:

- Ah, quando eu casar quero ter uma filha pretinha e linda que nem ela...

Por isso, um dia ele foi até a casa da menina e perguntou:

- Menina bonita do laço de fita, qual é o teu segredo para ser tão pretinha?

A menina não sabia, mas inventou:

- Ah deve ser porque eu caí na tinta preta quando era pequenina...

O coelho saiu dali, procurou uma lata de tinta preta e tomou banho nela. Ficou bem negro, todo contente. Mas aí veio uma chuva e lavou todo aquele pretume, ele ficou branco outra vez.

Então ele voltou lá na casa da menina e perguntou outra vez:

- Menina bonita do laço de fita, qual é o seu segredo para ser tão pretinha?

A menina não sabia, mas inventou:

- Ah, deve ser porque eu tomei muito café quando era pequenina.

O coelho saiu dali e tomou tanto café que perdeu o sono e passou a noite toda fazendo xixi. Mas não ficou nada preto.

- Menina bonita do laço de fita, qual o teu segredo para ser tão pretinha?

A menina não sabia, mas inventou:

- Ah, deve ser porque eu comi muita jabuticaba quando era pequenina.

O coelho saiu dali e se empanturrou de jabuticaba até ficar pesadão, sem conseguir sair do lugar. O máximo que conseguiu foi fazer muito cocozinho preto e redondo feito jabuticaba. Mas não ficou nada preto.

Então ele voltou lá na casa da menina e perguntou outra vez:

- Menina bonita do laço de fita, qual é teu segredo pra ser tão pretinha?

A menina não sabia e... Já ia inventando outra coisa, uma história de feijoadada, quando a mãe dela que era uma mulata linda e risonha, resolveu se meter e disse:

- Artes de uma avó preta que ela tinha...

Aí o coelho, que era bobinho, mas nem tanto, viu que a mãe da menina devia estar mesmo dizendo a verdade, porque a gente se parece sempre é com os pais, os tios, os avós e até com os parentes tortos.

E se ele queria ter uma filha pretinha e linda que nem a menina, tinha era que procurar uma coelha preta para casar.

Não precisou procurar muito. Logo encontrou uma coelhinha escura como a noite, que achava aquele coelho branco uma graça.

Foram namorando, casando e tiveram uma ninhada de filhotes, que coelho quando desanda a ter filhote não para mais! Tinha coelhos de todas as cores: branco, branco malhado de preto, preto malhado de branco e até uma coelha bem pretinha. Já se sabe, afilhada da tal menina bonita que morava na casa ao lado.

E quando a coelhinha saía de laço colorido no pescoço sempre encontrava alguém que perguntava:

- Coelha bonita do laço de fita, qual é o teu segredo para ser tão pretinha?

E ela respondia:

- Conselhos da mãe da minha madrinha...

Solar dos Príncipes

Marcelino Freire

Quatro negros e uma negra pararam na frente deste prédio.

A primeira mensagem do porteiro foi “Meu Deus!” A segunda: “O que vocês querem?” ou “Qual o apartamento?” Ou “Por que ainda não consertaram o elevador de serviço?”

“Estamos fazendo um filme”, respondemos.

Caroline argumentou: “Um documentário”. Sei lá o que é isso, sei lá, não sei. A gente mostra o documento de identidade de cada um e pronto.

“Estamos filmando”.

Filmando? Ladrão é assim quando quer sequestrar. Acompanha o dia-a-dia, costumes, a que horas a vítima sai para trabalhar. O prédio tem gerente de banco, médico, advogado. Menos o síndico. O síndico nunca está.

- De onde vocês são?
- Do Morro do Pavão.
- Viemos gravar um longa-metragem.
- Metra o quê?

Metralhadora, cano longo, granada, os negros armados até as gengivas. Não disse? Vou correr. Nordeste é homem. Porteiro é homem ou não é homem? Caroline dialogou: “A ideia é entrar num apartamento do prédio, de supetão, e filmar, fazer uma entrevista com o morador.”

O porteiro: “Entrar num apartamento?”

O porteiro: “Não.”

O pensamento: “Tô fudido”.

A ideia foi minha, confesso. O pessoal vive subindo o morro para fazer filme. A gente abre as nossas portas, mostra as nossas panelas, merda.

Foi assim: comprei uma câmera de terceira mão, marcamos, ensaiamos uns dias. Imagens exclusivas, colhidas na vida da classe média.

Caroline: “Querido, por favor, meu amor.” Caroline mostrou o microfone de longe. Acenou com o batom, não sei.

Vou bem levar paulada de microfone? O microfone veio emprestado de um pai-de-santo que patrocinou.

O porteiro apertou o apartamento 101, 102, 108. Foi mexendo em tudo que é andar. Estou sendo assaltado, pressionado, liguem para o 190, sei lá.

A graça era ninguém ser avisado. Perde-se a espontaneidade do depoimento. O condômino falar como é viver com carros na garagem, saldo, piscina, computador interligado. Dinheiro e sucesso. Festival de Brasília. Festival de Gramado. A gente fazendo exibição no telão da escola, no salão de festas do prédio.

Não.

A gente não só ouve samba. Não só ouve bala. Esse porteiro nem parece preto, deixando a gente preso do lado de fora. O morro tá lá, aberto 24 horas. A gente dá as boas-vindas de peito aberto. Os malandrões entram, tocam no nosso passado. A gente se abre que nem passarinho manso. A gente desabafa que nem papagaio. A gente canta, rebola. A gente oferece a nossa coca-cola.

Não quer deixar a gente estrear a porra do porteiro. É foda. Domingo, hoje é domingo. A gente só quer saber como a família almoça. Se fazem a mesma festa da nossa. Prato, feijoadada, guardanapo. Caralho, não precisa de síndico. Escute só. A gente vai tirar a câmera do saco. A gente mostra que é da paz, que a gente só quer melhorar, assim, o nosso cartaz. Fazer cinema. Cinema. Veja Fernanda Montenegro quase ganha o Oscar.

- Fernanda Montenegro não, aqui ela não mora.
E avisou: “Vou chamar a polícia.”

A gente: “Chamar a polícia?”

Não tem quem goste de polícia. A gente não quer esse tipo de notícia. O esquema foi todo montado num puta sacrifício. Nicholson deixou de ir vender churros. Caroline desistiu da boate. Eu deixei esposa, cadela e filho. Um longa não, é só um curta. Alegria de pobre é dura. Filma. O quê? Dei a ordem: filma.

Começamos a filmar tudo. Alguns moradores posando a cara na sacada. O trânsito que transita. A sirene da polícia. Hã? A sirene da polícia. Todo filme tem sirene de polícia. E tiro. Muito tiro.

Em câmera violenta. Porra Johnattan pulou o portão de ferro fundido. O porteiro trancou-se no vidro. Assustador. Apareceu gente todo tipo. E a ideia não era essa. Tivemos que improvisar.

Sem problema, tudo bem.

Na edição a gente manda cortar.

Boneca

Cuti

Nenhuma! Cansou de tanto andar. Perguntara muito. Ouvira respostas de todo tipo. Algumas vezes reagira à escassa delicadeza de certos balconistas e mesmo às ironias finas. Em outros momentos fora levado à autocomiseração, depois de ouvir, por exemplo:

Sinto muito!...

Ou:

Queira nos desculpar... A fábrica não fornece, sabe...

Desanimar? Não. Não havia porquê desistir de encontrar o presente de Natal para a filha. Ele estava em plena forma física de seus 33 anos. Além disso, era como se a pequena conduzisse pelas ruas do centro comercial. Continuar a procura, mesmo pisoteando o cansaço, era uma missão.

Com entusiasmo, entrou na loja seguinte. Cheia! Aguardou pacientemente. Uma mocinha branca, de ar meigo e aspecto subnutrido, indagou?

O senhor já foi atendido?

Não. Por gentileza, estou procurando uma boneca...

Temos várias. Olha aqui a Barby, a Xuxinha... E a loirinha foi apanhando diversas bonecas. Colocava-as sobre o balcão, como se escolhesse para si. *Olha que gracinha esta aqui de olhos azuis! É novidade. Chegou ontem e já vendeu quase tudo. Choram tem chupeta, faz pipi... E essa outra aqui? Não é uma graça?* E levou ao colo a ruivinha de tom amarelado, bem clarinha. Mexeu-lhe os bracinhos e as perninhas, e indagou: *Não gostou de nenhuma?*

É que estou procurando uma boneca negra...

Meia hora de espera.

Tem sim! o do no da loja dirigia-se à empregada. *Procura melhor, na prateleira de baixo, lá em cima mesmo, perto da pia.*

A moça subiu de novo a escada, depois de sorrir um submisso constrangimento.

Desceu mais uma vez, recebeu novas instruções e tornou a sorrir. Em seguida, do alto do mezanino, mostrou o rostinho gorducho, marrom escuro, de uma boneca. Radiante, a balconista empunhava-a como um troféu. Assis desceu a escada. Mas, descuidando-se nos degraus, despencou-se. Todos se apavoraram. As colegas de trabalho foram em socorro. Nenhuma fratura. Apenas um susto. O patrão exasperou-se, mas logo conseguiu controlar-se, vermelho como pimenta malagueta. A loja estava cheia. Foi atender o cliente:

O senhor desculpe a demora e o transtorno. Mas, não foi nada. O importante é que encontramos o produto. Está em falta, sabe... Eles não entregam. Eu mesmo encomendei na semana passada. Mas o representante disse que a firma está exportando para a África. Está certo, mas aqui também tem freguês que procura, não é? O senhor é brasileiro?

Sim.

Então... O homem engoliu a frase e preparou a nota.

Já na rua, o pai, entre tantos pensamentos, alguns desagradáveis, lembrou da descontração a que fazia jus, depois de suar expectativas naquela manhã de dezembro. Respirou fundo. Contemplou o lindo embrulho de motivações natalinas, em que se destacavam o Papai Noel, crianças louras e muita neve. Seguiu, os passos lentos, em direção a uma lanchonete.

Vai uma loira gelada aí, chefe? pronunciou o balconista ao vê-lo sentar-se junto ao balcão.

Sorriu, confirmando com um gesto de polegar.

Ao primeiro gole de cerveja, sentiu-se profundamente aliviado e feliz.

APÊNDICES

RESPOSTAS PARA O CONTO MENINA BONITA DO LAÇO DE FITA

Resposta do aluno a.m.

• Porque a menina bonita do laço de fita queria explicar ao colho do porque dela ser negra porque ela nao sabia porque ela era negra

• Porque as tentativas do colho em tentar fica preto procurava porque nao tem como fica preto tomado com esse rem de generaco

• Pra voce qual e o grande sentimento desse conto que nos ~~temos~~ temos que saber o porque nos vemos dessa vez.

Resposta do aluno j.k.

1 → Por que ele não sabia, ~~o nome~~ que
sua, ~~o~~ e outros que sabemos de algum
parente

2 → Por que sabe algo familiar dependendo do
com o nome pais ou avós etc. e ele não
poderia deixar de ser ele como mulher a cor

3 → Por que não sabemos ~~o~~ mudar o que
nomes

Resposta do aluno d.k.

* Porque a Menina bonita do laço de fita inventa explicações ao coelho do porque dela ser pretinha.

Resposta → Ela não sabia porque nasceu negra, por isso inventava suas respostas pro coelho.

* porque as tentativas do coelho em ficar preto fracassava.

Resposta → Porque ele já era branco de nascença, não tinha como ficar preto como a menina.

* pra você qual é o grande sentido desse conto.

Resposta → Mostrar que todo mundo tem sua cor e não

~~podemos~~
pode mudar a cor.

Resposta do aluno w.n.

1º) Por que a menina bonita do lago de fita inventa explicações para os casais do porquê dela ser magra?

Resposta: Por que a menina não tem um diálogo com sua Mãe. A sua mãe no livro conta como ela mudou pra lá.

2º) Por que os tentáculos do casalo são pica preto, por que casalo?

Resposta: Por que não era do lado para que se pica preto, ~~ela~~ ele tinha que ter descendentes de qual cor, daí não se poderia ter casalo pretos.

3º) Para você. Qual é o grande motivo desse conto?

Por que ele não pode mudar suas características da forma que ele quer.

DESFECHOS MODIFICADOS PARA O CONTO SOLAR DOS PRÍNCIPES

Desfecho 1: e. T.

Ele avisou: "você chamar a polícia".
Os anões negros e a negra pediram ao porteiro que tivesse uma pais ~~de~~ não queria matar, roubar e sequestrar ninguém. ~~Pois~~ nós só queremos mostrar o dia de ^{de} almoço, domingo das pessoas da elite alta, mais mesmo assim o porteiro não acreditou e ~~disse~~ ordenou a dizer de iria chamar a polícia e aparecer gente de todo tipo. E a ideia não era isso, mais ~~os~~ filmes ~~os~~ tudo para mostrar a todos como a diferença no tratamento das pessoas ricas com as pessoas negras e pobres.

Desfecho 2: w.n.

D S T Q Q S S

□ □ □

- Não, por causa não chamamos a polícia. Nós não queremos fazer nenhum mal
as pessoas que moram ali, só queremos saber ^{o que} eles fizeram no domingo.

O portão fechou

- Por que vocês não procuraram dentro do condomínio?

Carlos - Ela que está é a mais bonita que nós vimos.

O portão ~~abriu~~ com muito, perguntou a alguns moradores o que eles estavam
fazendo.

~~Algo ~~deles~~ colaboraram, ~~então~~~~

O morador pensou que não estavam ali para fazer alguma mal
a eles, ~~mas não sabe~~ e não colaboraram com a nossa documentação,
por ~~isso~~ ~~que~~ ~~então~~ por que chegaram que nós vemos melhor.

Desfecho 3: j. O.

tem um "digo" em casa

"Vou chamar a polícia".
Nesse momento fohmattan
se enfurece e diz - he não polícia!
Quando é pra vocês irem aonde
nós moramos não é essa bicharia
Tô da, abrimos nossas portas como
se fossemos da família, agora quando
é o contrário não humilham.
numa boa cara!
da próxima vez vamos até chamar
você pro churrasco
tá beleza.

Final 2: D.B. 1º A

Se perdeu a memória, mas, infelizmente
Devido o tanto tempo a boneca ficou guardada no depósito.

ele não resistiu a queda e acabou quebrado.

Mas para sua alegria, sua esposa saiu tarde
em uma outra loja depois do trabalho e não encontrou
a boneca que sua filha tanto queria e tanto o queria

ficou contente como também os pais e assim viveram
feliz pois virão sua filha feliz, com sua linda bonequinha
nova.

Final 3: J.P. 1º A



24 | 05 | 11

Mais após o acidente percebeu que a boneca estava quebrada, calma! não se preocupe aqui está outra boneca idêntica a outra vemos que ainda tinha selado, esta é esta entendi. Então o pai da menina foi embora muito feliz por ter conseguido a linda boneca e ao chegar em casa presentear a sua filha e ela ficou muito feliz pois seu pai realizou o seu lindo desejo: ter uma boneca negra.

Final 4: W.N. 1º B

□□□

D S T Q Q S S

- Mas, bem-vindo. Me esperava que a boneca não estivesse em bom estado, quando minha preciosa se desmontou e desmontou do escudo, foi em cima de uma boneca, mas se você quiser leva-la ela estará o melhor do país, já o ~~pai~~ homem que queria comprar a boneca perguntou.

- Como vai em que estado a boneca está?

- Claro que não, venha que eu lhe mostro.

O homem seguiu o rapaz, viu que a boneca estava apenas com os ~~braços~~ braços ~~para~~ para o lugar, e falou.

- Vou leva-la, por que a minha filha quer muito esta boneca, e eu não dei toda a cidade e não consegui a boneca.

O ~~Vendedor~~ ^{o vendedor} ~~vendedor~~ a boneca e entregou ao homem ~~ela~~ ela.

- Obrigado, volte sempre!

O homem chegou em casa viu a ~~a~~ sua filha, lhe entregou o presente, a garota ~~de~~ desembrulhou o presente e viu uma boneca com os braços reparados do corpo, ela foi até o pai chorando.

- Papai, você está que me ama, e ~~me~~ ~~traz~~ trouxe uma boneca com os braços?

O seu pai pegou a boneca, pegou os dois braços e chegou para sua filha e falou.

- Filha, vem aqui para perto do papai. Olha filha esta boneca é especial, ela monta e desmonta.

A garota ficou alegre, gritando e pulando feliz com sua maravilhosa boneca que tinha que montar e desmontar.

Final 5: J.O. 1º B

mas... pelo fato do senhor ter nos provocado toda essa bagunça, não vamos poder vender o objeto. mas senhor eu já andei em muitas outras lojas e um presente muito especial eu pago o que o for mas me venda a boneca.

O vendedor pergunta, pelo visto é um presente muito mais que especial não é?

Quase um momento de reflexão e ao olhar para a garota o vendedor percebeu que a menina pegou a mão do pai e disse: Papai o melhor presente de natal que o senhor me deu foi me mostrar a sua determinação para me fazer feliz, obrigado.

O vendedor se emocionou com as belas palavras dita pela menina e disse:

Querida, esse é o meu presente de natal para você e deu o presente a boneca a garota que saiu da loja toda sorridente.